



FENOLOGIA DE DIFERENTES CULTIVARES DE BANANEIRA NO ESTÁDIO DE FLORESCIMENTO NO NORTE DO ES

BRUNA BELTRAME RONCHI¹, LARISSA DE RAMOS FISCHER², FÁBIO OSEIAS DOS REIS DA
SILVA³, EDSON PERITO AMORIM⁴; MOISES ZUCOLOTO⁵

INTRODUÇÃO

A bananeira (*Musa spp.*) é considerada uma das frutíferas mais cultivadas nos países de clima tropical e subtropical nos últimos anos. Juntamente com o trigo, milho e o arroz, são considerado o alimento mais importantes do mundo (Perrier et al., 2011). Seu cultivo é realizado principalmente por pequenos produtores, tendo grande relevância para a geração de empregos dentro do âmbito rural. Também influencia no aumento de renda de pequenos agricultores (Camolesi et al., 2012). A produção brasileira da fruta é de aproximadamente 7 milhões de toneladas ao ano, ocupando em torno de 500 mil ha (IBGE 2016).

Diante da importância da bananicultura, avaliar o padrão de crescimento e suas características morfológicas é de extrema importância, já que a bananeira é um vegetal herbáceo que apresenta em sua estrutura raiz, caule, flores, frutos e sementes (BORGES et al., 2000). Sua inflorescência é constituído pelo pedúnculo ou engaço, iniciando no ponto de fixação da última folha e tendo fim na inserção da primeira penca (BORGES; OLIVEIRA, 2000; ROSA JUNIOR, 2000). A bananeira possui o tronco que é formado por um conjunto de bainhas a partir do rizoma até a roseta, sendo denominado de pseudocaule. (ROSA JUNIOR, 2000).

Com relação aos frutos, os que são provenientes dos subgrupos Cavendish, Prata e Maçã são as mais comercializadas no mercado brasileiro (SARAIVA et al., 2013). No país encontra-se a prevalência do cultivo de bananeiras do tipo Prata, principalmente a 'Prata-Anã' e a 'Pacovan', confirmando sua boa aceitação pelos consumidores.

Com isso, o objetivo deste trabalho foi avaliar características morfológicas de cultivares de bananeira do tipo Prata.

¹ Graduanda em Agronomia, Universidade Federal do Espírito Santo - Centro Universitário Norte do Espírito Santo, e-mail: beltrame.bruna@hotmail.com;

² Graduanda em Agronomia, Universidade Federal do Espírito Santo - Centro Universitário Norte do Espírito Santo, e-mail: larissafischer99@hotmail.com;

³ Pós Doutorando em Agricultura Tropical, Universidade Federal do Espírito Santo - Centro Universitário Norte do Espírito Santo, e-mail: foseias@yahoo.com.br;

⁴ Pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura, e-mail: edson.amorim@embrapa.br

⁵ Doutor em Fitotecnia, Universidade Federal do Espírito Santo - Centro Universitário Norte do Espírito Santo, e-mail: moiseszucoloto@hotmail.com

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi realizado na Fazenda Experimental da Universidade Federal do Espírito Santos/ Campus São Mateus com latitude de 18°40'32'' S, longitude de 80 39°51'39'' W e altitude de 37,7m acima do mar. O clima da região, segundo a classificação de Köppen, é seco subúmido, com temperaturas variando de 25°C a 30°C e 19°C a 21°C no verão e inverno respectivamente, com precipitação média anual de 1200 mm.

Em uma área de bananeira com 384 plantas em estágio de florescimento, analisou-se três plantas das três cultivares do grupo Prata (Prata-Anã, Platina e BRS Pacovan Ken). As plantas foram distribuídas seguindo o delineamento de blocos casualizados, com quatro repetições (DBC).

As características morfológicas avaliadas foram: a) AP - altura das plantas (cm); b) PP - perímetro do pseudocaule (cm); c) NF - número de folhas (NF); d) CL - comprimento do limbo foliar (cm); e) LL - largura do limbo foliar (cm). Todos os parâmetros foram obtidos com auxílio de uma fita métrica e paquímetro.

A análise estatística foi obtida por meio do programa computacional SISVAR (Ferreira, 1998) pelo teste de Scott-Knott nível de 5% de probabilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As variáveis diâmetro do pseudocaule, altura da planta, número de folhas e largura não diferenciaram estatisticamente entre as cultivares ao nível de 5% de significância pelo teste de Tukey (Tabela 1).

De acordo com os dados apresentados na tabela 1, verificou-se que o número de folhas vivas na colheita variou entre 8,89 e 9,77. Resultado próximo encontrado por Donato et al. (2006) que constatou valores médios entre 7,38 a 11,88 entre as cultivares Caipira, Thap Maeo, Prata Zulu, BRS Preciosa, BRS Maravilha, Nanicão IAC 2001 e Nanicão Jangada. O número de folhas que uma bananeira apresenta no seu florescimento reflete o potencial produtivo que a mesma possui, onde irá depender da taxa de fotossíntese e resistência a doenças foliares, sendo assim uma característica de extrema importância (ALVES, 1990).

Com relação à circunferência do pseudocaule, verificaram-se valores entre 67,11 cm a 69,00 cm. Em trabalho de Bolfarini, et al. (2014), o valor médio encontrado para a cultivar Prata-Anã foi de 62,6 cm, pouco abaixo do presente trabalho. O parâmetro circunferência do pseudocaule está diretamente ligada ao vigor da planta e capacidade da planta em sustentação do cacho. Essa informação é importante principalmente em regiões com grande incidência de vento, pressupondo que as mais resistentes são as que possuem maior diâmetro do pseudocaule (SILVA et al., 1999). Ainda, a circunferência do pseudocaule está diretamente relacionada com o número de pencas (BALESTERRO, 2008).

74 Em relação à altura de plantas, as cultivares estudadas apresentaram porte considerado
 75 adequado segundo classificação BOLFARINI, et al., (2014). Estes autores ainda sugerem que não
 76 são desejáveis plantas com porte elevado, podendo causar danos aos frutos devido dificultar na
 77 colheita, além da queda da bananeira por ventos ou nematoides e brocas.

78 A cultivar BRS Pacovan Ken foi a que obteve o maior comprimento foliar, atingindo 23,68
 79 cm, quando comparada as cultivares Prata-Anã e BRS Platina. A diferença não foi mantida quando
 80 se comparou a largura das folhas, não diferindo estatisticamente.

81

82 Tabela 1 - Médias para circunferência do pseudocaule (CP), altura da planta (AP), número de folhas
 83 expandidas (NF), Comprimento (Comp.) e Largura (Larg.) da terceira folha das três cultivares
 84 avaliadas.

Cultivares	CP (cm)	AP (cm)	NF	Comp. (cm)	Larg. (cm)
Prata Anã	67,11 a	260,40 a	8,89 a	17,58 a	64,91 a
BRS Platina	68,44 a	269,70 a	9,44 a	17,68 a	69,16 a
BRS Pacovan Ken	69,00 a	281,30 a	9,77 a	23,68 b	71,33 a
CV (%)	1,61	4,93	7,19	2,36	5,61

85 Médias seguidas de mesma letra nas colunas não diferente entre si pelo teste de Scott-Knott ao nível de 5% de
 86 probabilidade. CP: Circunferência do Pseudocaule, AP: Altura da planta, NF: Número de folhas expandidas, Comp.:
 87 Comprimento, Larg.: Largura.

88

89

CONCLUSÃO

90 Conclui-se que dentre as cultivares do grupo Prata não ocorre grande variação morfológica,
 91 com exceção da cultivar BRS Pacovan Ken difere das demais quanto a variável comprimento das
 92 folhas.

93

94

REFERÊNCIAS

- 95 ALVES, E. J. Principais cultivares de banana no Brasil. **Revista Brasileira de Fruticultura**, v. 12,
 96 p. 45-61, 1990.
- 97 BALESTERO, M. S. et al. Banana cultivo y comercialización. In: Descripción Batánica. 2 ed. Costa
 98 Rica. 1090p.
- 99 BOLFARINI, A. C. B. et al. Crescimento, ciclo fenológico e produção de cinco cultivares de
 100 bananeira em condições subtropicais. **Revista Raízes e Amidos Tropicais**, v. 10, no1, p. 74-89, 2014.
- 101 BORGES, A. L.; SOUZA, L. da S.; ALVES, E. J. Exigências edafoclimáticas. In: CORDEIRO, Z. J.
 102 M. **Banana: Produção: aspectos técnicos**. Brasília: Embrapa Comunicação para Transferência de
 103 Tecnologia, 2000. (Frutas do Brasil, 1).

- 104 BORGES, A. L.; OLIVEIRA, A. M. G. Nutrição, calagem e adubação. In: CORDEIRO, Z. J. M.
105 **Banana: produção: aspectos técnicos**. Brasília: Embrapa comunicação para Transferência de
106 Tecnologia, 2000. (Frutas do Brasil, 1).
- 107 CAMOLESI, M. R. et al. Fenologia e produtividade de cultivares de bananeiras em Assis, São Paulo.
108 **Revista Brasileira Ciências Agrárias**. Recife, v.7, n.4, p.580-585, 2012.
- 109 DONATO, S. L. R.; SILVA, S. O.; LUCCA FILHO, O. A.; LIMA, M. B.; DOMINGUES, H.;
110 ALVES, J. S. Comportamento de variedades e híbridos de bananeira (*Musa spp.*), em dois ciclos de
111 produção, no sudoeste da Bahia. **Revista Brasileira de Fruticultura**, v. 28, p. 139-144, 2006.
- 112 FAVARIN, J.L.; DOURADO NETO, D.; GARCIA Y GARCIA, A.; VILA NOVA, N.A.;
113 FAVARIN, M. da G.G.V. Equações para a estimativa do índice de área foliar do cafeeiro. **Pesquisa**
114 **Agropecuária Brasileira**, Brasília, v.37, n.6, p.769-73, 2002.
- 115 IBGE. Levantamento sistemático da produção agrícola. Disponível em:
116 <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/lspa/default.shtm>>. Acesso em:
117 10 out. 2015.
- 118 LIMA, M. B. et al. Avaliação de cultivares e híbridos de bananeira no recôncavo baiano. **Ciência e**
119 **Agrotecnologia**, v. 29, p. 515-520, 2005.
- 120 PEREIRA, A. R.; VILLA NOVA, N. A.; SEDIYAMA, G. C. Evapotranspiração. Piracicaba: Fealq,
121 1997. 183 p. REICHARDT, K. **A água em sistemas agrícolas**. São Paulo: Manole, 1990. 188 p.
- 122 PERRIER, X.; LANGHEB, E. De.; DONOHUEC, M.; LENTFERD, C. et al. Multidisciplinary
123 perspectives on banana (*Musa spp.*) domestication. **PNAS Early Edition**, Panamá, v. 108, n. 28,
124 p.11311-11318, 2011.
- 125 SARAIVA, L. de A.; CASTELAN, F. P.; SHITAKUBO, R.; HASSIMOTO, N. M. A.; PURGATO,
126 E.; CHILLET, M.; CORDENUNSI, B. R. Black leaf streak disease affects starch metabolism in
127 banana fruit. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, Easton, n. 61, p. 5582–5589, 2013.
- 128 ROQUE, R. de L. et al. Desempenho agronômico de genótipos de bananeira no recôncavo da Bahia.
129 **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal - SP, v. 36, n. 3, p. 598- 609, Setembro 2014.
- 130 ROSA JUNIOR, C. D. R. M. **Bananeira: cultivo sob condição irrigada**. 2. ed. Recife, SEBRAE –
131 PE, 2000.
- 132 SILVA, S. O.; ALVES, E. J. Melhoramento genético e novas cultivares de banana. **Informe**
133 **Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 20, n. 196, p. 91-96, 1999.

134

135